

Conservadores ganham voz e influência através das redes

O avanço do conservadorismo, sobretudo entre jovens da Geração Z, tem ganhado força em diversos países. Com campanhas digitais de baixo custo, aliadas a algoritmos, ganham espaço com conteúdos que ampliam o alcance de discursos conservadores

O conservadorismo vem crescendo cada vez mais ao longo dos anos. O fenômeno pode ser notado através das eleições de diferentes líderes políticos conservadores ao redor do mundo. Donald Trump, eleito duas vezes presidente dos Estados Unidos, em 2016 e 2024; Nayib Bukele, eleito em 2019 e reeleito em 2025 presidente de El Salvador, e Javier Milei, presidente da Argentina desde 2023. No Brasil, Jair Messias Bolsonaro governou o país de 2019 a 2022. Os presidentes dos Estados Unidos e da Argentina, assim como Bolsonaro, tiveram como principal ferramenta de campanha eleitoral as redes sociais.

Mais do que uma fonte de entretenimento, essas redes tornaram-se centrais na formação das visões de mundo e dos comportamentos dessa juventude. Uma análise realizada pela BBC Brasil, em novembro de 2023, apontou que Jair Bolsonaro era percebido como um político conservador que se apresentava como um “outsider”, ou seja, alguém que não faria parte da política tradicional, frequentemente associada à corrupção.

Nesse ambiente dinâmico, jovens conservadores usam as redes sociais

como espaço estratégico para divulgar ideias, formar redes de afinidade e questionar narrativas dominantes. Por meio de perfis pessoais, grupos e influenciadores discutem temas como valores tradicionais, economia de mercado e liberdade de expressão, em formatos leves, diretos e compartilháveis. Segundo o cientista político Gabriel Jubran Miranda, graduado pela Universidade de Brasília (UnB) e pós-graduando em Direito Legislativo pelo IDP, isso se deve ao baixo custo da comunicação digital. “Hoje, qualquer pessoa com domínio básico das ferramentas digitais pode atingir milhões com uma mensagem política”, afirma.

Uma pesquisa realizada entre 2014 e 2023 com mais de 300 mil jovens em 20 países pela agência internacional de pesquisa Glocalities apontou um aumento significativo do descontentamento dos jovens com a política tradicional, o que tem impulsionado o conservadorismo, principalmente entre os homens. A desilusão social, desesperança e rejeição aos valores universais são os sentimentos que explicam, parcialmente, a ascensão de partidos radicais de direita em oposição às hierarquias políticas. O chefe da

por: Carol Silva, Clara Tavares, Júlio Noronha e Lara Lima

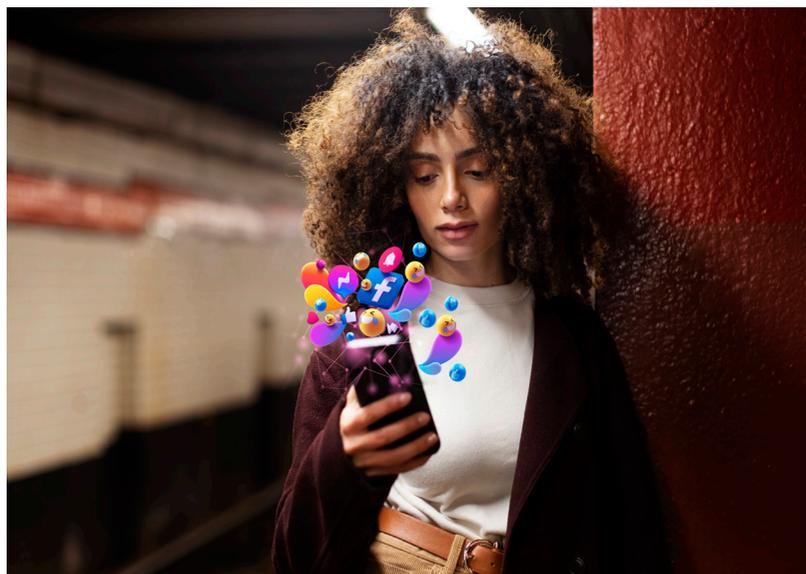
pesquisa, Martijn Lampert, destacou que esse fenômeno tem sido evidente em eleições recentes em diversos países europeus.

Para a cientista política Vanessa Martins, mestra pela Universidade Politécnica de Valência e pós-graduada pela Universidade de São Paulo (USP), o conservadorismo atual caracteriza-se por uma atuação mais presente na esfera da opinião pública. Segundo ela, “o conservadorismo hoje tem muito mais expansão no campo da opinião pública, mas seus conceitos são introduzidos de maneira mais superficial ou de forma simples e sutil. Isso ocorre porque ele se apresenta nas redes sociais com um formato que aparenta ser desprezioso, como se não tivesse a intenção de influenciar opiniões. Enfrentamos o impacto dos algoritmos, que contribuem significativamente para que esse conservadorismo autoritário, típico da nova direita, se materialize e ganhe força cada vez maior”.

Big techs entre algoritmos e discurso livre

A disseminação desse conteúdo tem como sua principal fonte as redes sociais. É através delas que os jovens costumam compartilhar e debater seus ideais e seus valores e, até mesmo, atacar grupos que vão contra suas linhas de pensamento.

O professor e sociólogo Flávio Munhoz Sofiati, mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos e doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo, analisa que a tendência conservadora está estritamente ligada à lógica das redes. “Essas plataformas são construídas por empresas privadas com



Jovem retratando o vício das redes sociais

Foto: Freepik

fins lucrativos. Os algoritmos não existem para promover pluralidade, mas para gerar engajamento, e a polêmica é altamente engajante”, pontua. Para ele, o que é chamado de “conservadorismo” se ancora, sobretudo, em valores morais ligados ao controle dos corpos, enquanto, economicamente, “esses grupos são marcadamente liberais”.

O X, uma das maiores redes sociais da atualidade, tem 335 milhões de usuários, vale 44 bilhões de dólares e pertence a Elon Musk, que foi chefe do Departamento de Eficiência Governamental no atual governo Trump. Musk mantém uma rotina próxima ao presidente, evidenciando como essas plataformas integravam o sistema governamental. A presença de donos de big techs na

posse de Trump reforça essa relação, especialmente após Musk investir 250 milhões de dólares na campanha, segundo registros da Comissão Eleitoral Federal (FEC, na sigla em inglês).

A empresa Meta – WhatsApp, Instagram e Facebook – é a mais lucrativa dentre todas as outras empresas de redes sociais. Mark Zuckerberg, dono da Meta e criador do Facebook,

prestou apoio ao presidente dos Estados Unidos nas eleições. Com o discurso de liberdade de expressão, o empresário alterou as “regras” das plataformas, permitindo que comentários racistas, homofóbicos e machistas se disseminem nas redes. O “livre-arbítrio” do discurso contribuiu para que ideias conservadoras ganhassem cada vez mais espaço nas redes, principalmente para os jovens.

“Os algoritmos não existem para promover pluralidade, mas para gerar engajamento”

Flávio Munhoz, sociólogo

Algoritmos por trás das redes

Um *algoritmo* é uma sequência de instruções programadas para realizar uma determinada ação. Nas redes sociais, os algoritmos são usados para definir estratégias sobre o que será exibido aos usuários e como isso será feito. Esses algoritmos funcionam com base na interação de cada pessoa, exibindo conteúdos relacionados ao que ela curte, comenta ou publica, ou seja, à sua “bolha de interação”.

Olivar Tamele, CEO da TWT Software Factory, analisa que esse problema está menos no algoritmo e mais em como ele é manipulado. “Muita gente entende como o algoritmo funciona e usa isso para inflar engajamento. É possível usar bots para multiplicar curtidas e comentários, o que faz um post ser exibido até para quem está fora daquela bolha”, explica. Ele acredita que os discursos conservadores, por serem, muitas vezes, emotivos ou provocativos, acabam se adaptando melhor a esse sistema: “Eles trabalham a mente das pessoas. Lavagem cerebral é um termo forte, mas é isso”.

Os algoritmos, criados por empresas movidas por interesses econômicos claros, funcionam como verdadeiras iscas digitais, moldando comportamentos, escolhas e até opiniões para maximizar lucros. Nas redes da Meta, essa lógica se revela ao priorizar o que cada usuário quer ver, especialmente em política, entregando conteúdos que reforçam suas próprias crenças e bloqueando opiniões diferentes. Polarização cada vez maior, uma capacidade crítica debilitada e, hoje, algoritmos que não só organizam informação, mas agem politicamente conforme os interesses de quem os controla.

Filmes e documentários sobre algoritmos



O Dilema das Redes (The Social Dilemma) (2022)

Documentário da Netflix que aborda como as redes sociais, através dos algoritmos, manipulam e influenciam comportamentos e decisões da sociedade, com depoimentos de ex-funcionários de Big Techs, hackers e jovens.

Privacidade Hackeada (2019)

Documentário que explora a privacidade e segurança de dados, mostrando como o governo e as grandes empresas coletam e utilizam as informações pessoais dos usuários



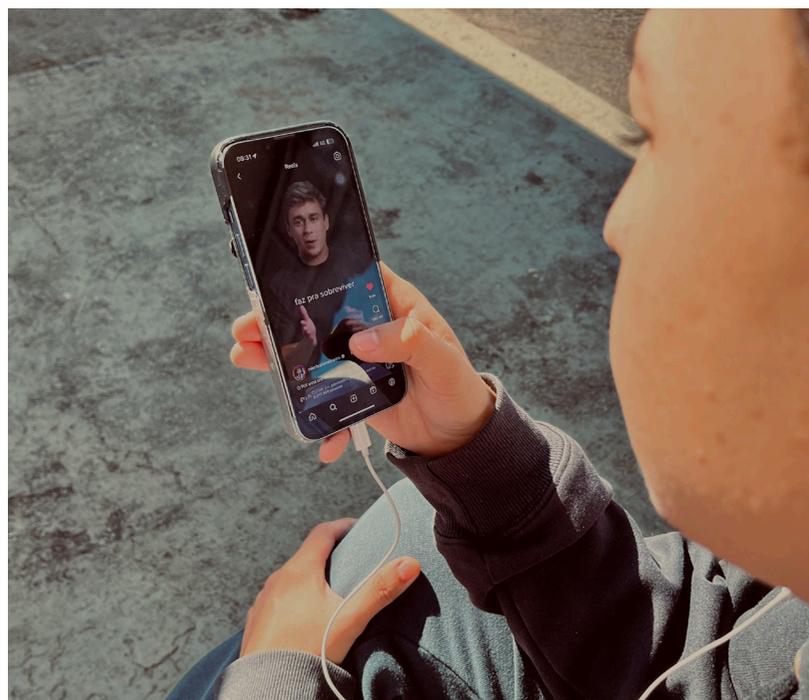
Coded Bias (2020)

Documentário que procura o viés racista e machista dos algoritmos de reconhecimento, mostrando como que a internet e a tecnologia permitem a disseminação de preconceitos e discriminação

A Rede Social (2014)

Filme que aborda a história de Mark Zuckerberg e a criação da maior rede social do mundo, Facebook. O filme mostra os desafios, as conquistas e os conflitos envolvidos no processo de transformar uma ideia em um negócio bilionário.





Seguidores jovens interagindo com os conteúdos do deputado Nikolas Ferreira

Diante dessa lógica de funcionamento e manipulação dos algoritmos, partidos políticos e lideranças conservadoras têm intensificado seus investimentos em estratégias digitais para dialogar com esse público. Compreendendo a força da internet na formação da opinião pública, muitos desses grupos apostam na produção de conteúdos voltados para os interesses e preocupações da juventude, utilizando uma linguagem acessível e formatos dinâmicos, como vídeos curtos, memes e transmissões ao vivo. Esse movimento não apenas amplia o alcance das ideias conservadoras, mas também fortalece a participação política dos jovens, criando novas formas de militância e interação com o cenário político nacional e internacional.

O ambiente polarizado favorece o engajamento. “Não necessariamente uma postagem conservadora engaja mais porque é conservadora, mas porque é polêmica”, aponta o Flávio Sofiati, professor de Ciências Sociais na Universidade Federal do Goiás. “A controvérsia, o discurso de ódio e a disputa são elementos que chamam atenção e, portanto, recebem mais visibilidade”, afirma o professor.

Nova geração conservadora marca presença nas redes

Seja no Congresso Nacional, nas universidades ou nas redes sociais, os jovens conservadores identificam-se com princípios como família, tradição, fé, propriedade privada e liberdade individual. Ao contrário do que se costuma pensar, afirmam que não rejeitam o

progresso, mas defendem que ele deve ocorrer com responsabilidade, preservando valores considerados essenciais para uma sociedade equilibrada.

Caio Fagundes, 22 anos, estudante de Direito e coordenador político, explica que ser conservador vai além de um rótulo: “É uma corrente de pensamento político, social e filosófico que busca manter a ordem e a tradição. Isso não significa ser contra mudanças, mas sim entender que elas precisam ocorrer de forma cuidadosa, sem romper com os pilares que sustentam uma sociedade.”

Entre esses pilares, ele cita o patriotismo, a liberdade com responsabilidade, a ordem, a propriedade privada, a fé, a religião e a moralidade. Caio também acredita que o crescimento do conservadorismo entre os jovens tem muito a ver com as redes sociais: “Elas se tornaram um espaço excelente, principalmente porque temos pessoas bem engajadas que são vistas como exemplo. Nikolas Ferreira é a maior referência hoje.”

Deputado federal mais jovem e mais votado da história de Minas Gerais, Nikolas é referência entre os jovens conservadores. Para ele, “ser

“Não necessariamente uma postagem conservadora engaja mais porque é conservadora, mas porque é polêmica”

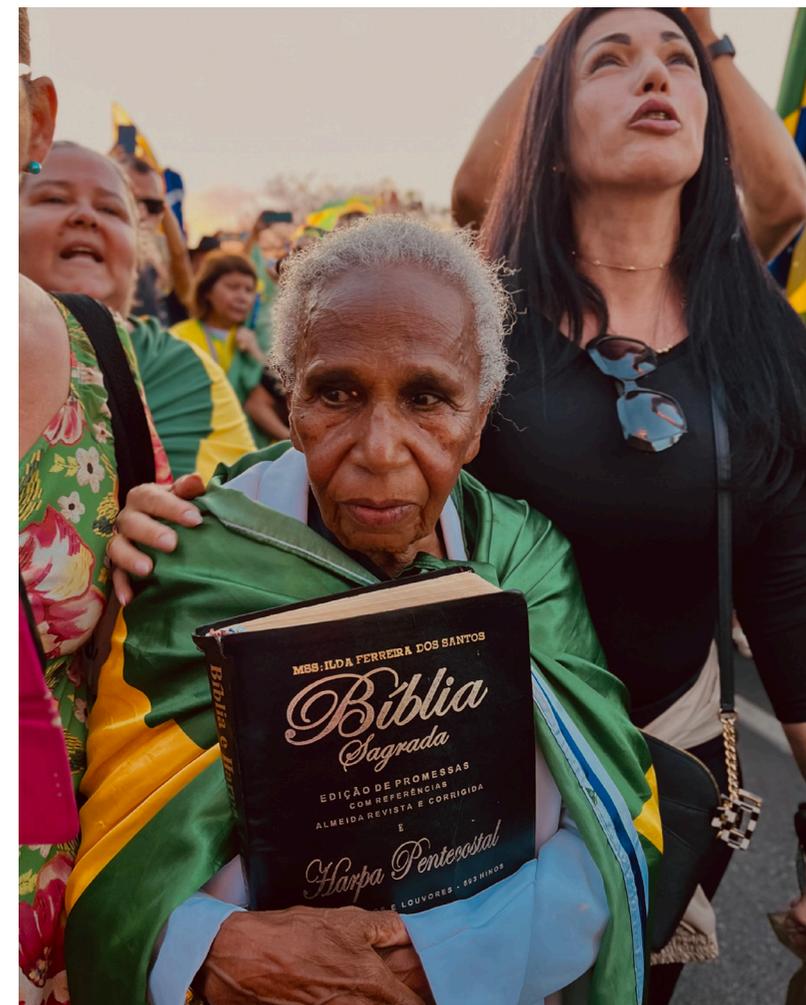
Flávio Sofiati, professor

conservador é conservar aquilo que deu certo com o tempo”. Aos 29 anos, o parlamentar diz que os jovens hoje “têm coragem de pensar diferente e defender a verdade mesmo que isso custe caro”.

O discurso é reforçado por Matheus Borges, 25 anos, coordenador do PL Jovem do Centro-Oeste, que vê no conservadorismo a defesa de princípios como responsabilidade pessoal, respeito à tradição e preservação de valores culturais e morais. Segundo ele, “as redes sociais permitem acesso direto a ideias conservadoras, que muitas vezes não encontram espaço em outros meios, e os jovens estão cada vez mais questionando ideias prontas.”

Na visão da cientista política, Vanessa Martins, Bolsonaro, utilizando-se do discurso neopopulista unificado com as morais conservadoras militares, conseguiu convencer a população. O armamento civil, junto com as imagens religiosas e defesa da família, foi como uma faísca para um ataque sistematizado às instituições democráticas.

A cientista política Vanessa Martins reforça que o novo conservadorismo possui uma base social bastante distinta daquela vista durante o regime militar. Segundo ela, “é importante a gente lembrar também que esse novo conservadorismo tem uma base social totalmente distinta do regime militar. Ele se ancora, sobretudo, nos evangélicos pentecostais, no empresariado ultraliberal e em movimentos de direita, que se organizaram a partir de 2010 com um cenário de deterioração socioeconômica.” ♦



Conservadorismo atual tem forte influência da religião

DIFERENÇA ENTRE O CONSERVADORISMO ATUAL E O DA DITADURA MILITAR

Vanessa Martins afirma que o conservadorismo mudou desde a ditadura militar. Para ela, hoje, ele é “a busca por preservar valores como ordem, tradição, autoridade e moralidade religiosa”. Na ditadura, o conservadorismo foi mais autoritário, apoiado no combate ao comunismo. “O discurso usava a ordem e a moral para legitimar o autoritarismo.”

Hoje, segundo a cientista política, ele ganhou novos contornos. “A defesa da família e da religião, agora com forte influência evangélica, se soma ao armamento civil.” Ela aponta que esse novo discurso, amplificado por líderes como Bolsonaro, “alimenta ataques às instituições democráticas”, como visto nos atos de 8 de janeiro.